

A ESTELA EPIGRAFADA DO PARDIEIRO S. Martinho das Amoreiras (Odemira, Beja)

1. INTRODUÇÃO

Nos inícios de 1981 tivemos conhecimento, através da Dra. Maria Helena Valente Morais, então Directora da Delegação de Beja da Direcção-Geral dos Desportos, de que três elementos do Núcleo de Defesa do Património do Grupo Desportivo de Garvão (Ourique), José Pacheco, M. Zacarias e José Pereira, tinham, em 23 de Agosto de 1980, encontrado e recolhido, na sua sede em Garvão, uma estela epigrafada que identificaríamos como pertencente à I Idade do Ferro do Sudoeste Peninsular (séculos VIII-VI a.C.).

Numa deslocação propositada que fizemos a Garvão, em Maio de 1981, não só recolhemos informações referentes às condições e local do achado deste monumento, como procedemos ao seu levantamento gráfico, através do decalque directo sob luz rasante, assim como fotográfico, a cores e a preto e branco.

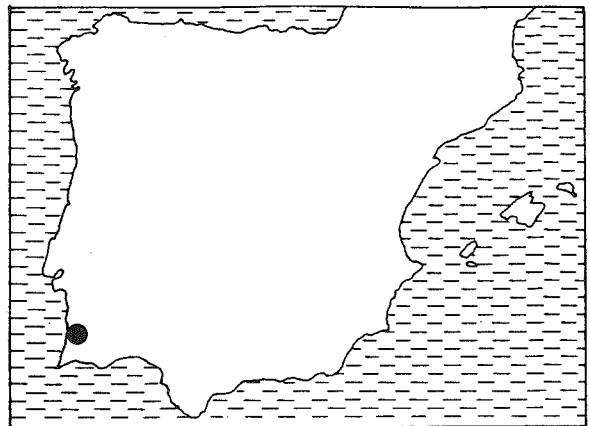


FIG. 1. *Localização do Monte do Pardieiro, S. Martinho das Amoreiras (Odemira, Beja), na Península Ibérica*

2. LOCALIZAÇÃO DO ACHADO

A estela epigrafada, agora dada a conhecer, foi recolhida numa pequena elevação, com 279 m. de cota máxima, sobranceira à estrada, recentemente aberta, que conduz de S. Martinho das Amoreiras a Santana da Serra (Ourique) (Fig. 2). Este local, a cerca de 7 Kms. SE de S. Martinho das Amoreiras, fica a escassos 25 m. a poente daquela via e muito perto do Monte do Pardieiro (Fig. 3). O sítio do achado, que é propriedade do Sr. António Madeira, residente em Garvão, pertence à Freguesia de S. Martinho das Amoreiras, ao Concelho de Odemira e ao Distrito de Beja. As suas coordenadas geodésicas são, aproximadamente, 37° 36' de latitude Norte e 0° 46' 40'' de longitude

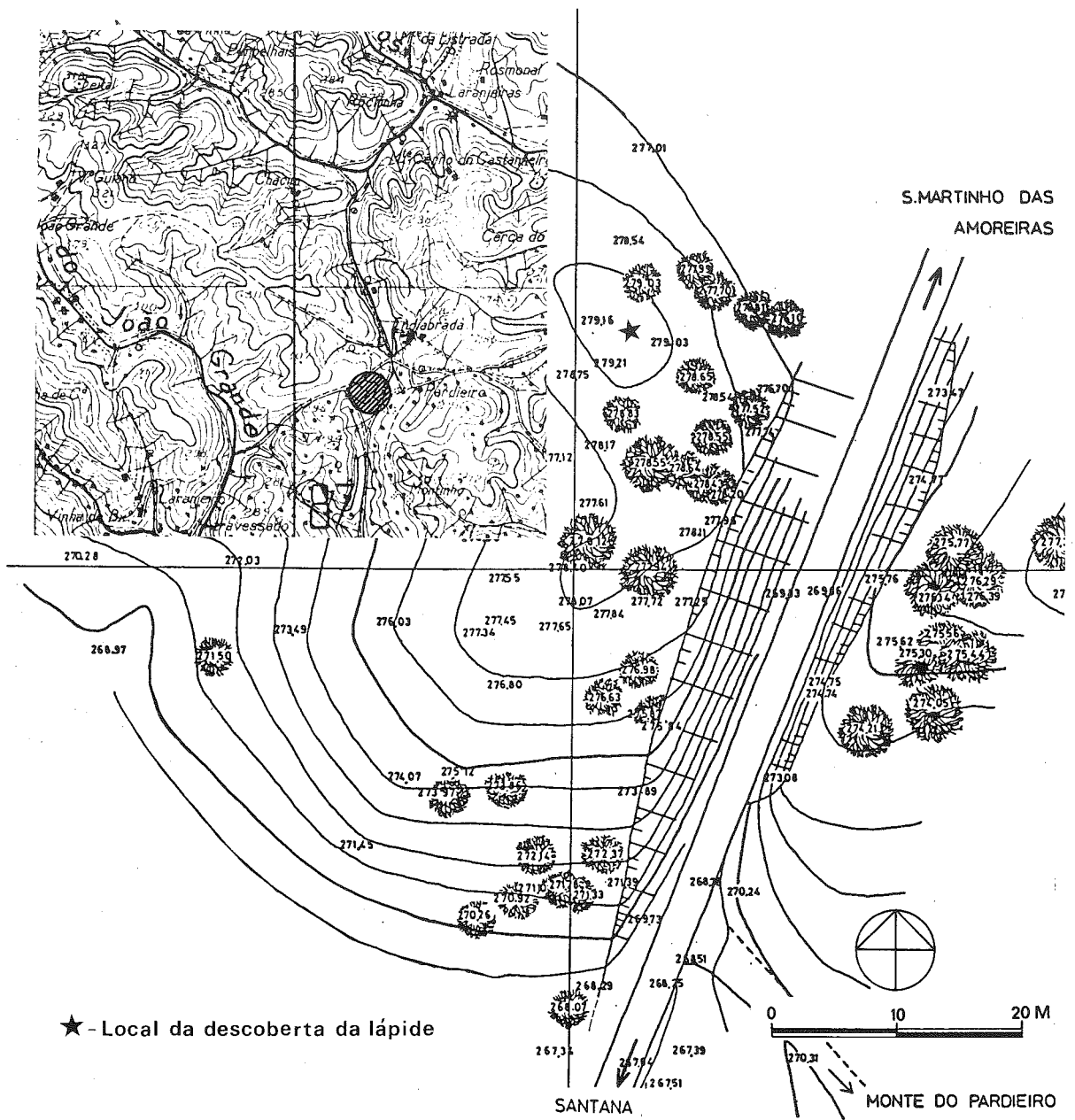


FIG. 2. Localização da necrópole do Monte do Pardieiro

Este do Observatório do Castelo de S. Jorge - seg. a Carta Militar de Portugal, n.º 554, S. Martinho das Amoreiras (Garvão), esc. 1:25.000, 1952.

O substrato rochoso desta zona, dos contrafortes da Serra do Caldeirão, é constituído por xistos e grauwagues e os terrenos, entre as oliveiras ali existentes, são aproveitados para plantações de sequeiro.



FIG. 3. *Local do achamento da lápide epigrafada, visto de norte para sul*



FIG. 4. *Testemunhos de estruturas na área onde se encontrou a estela*

Perto correm linhas de água que desaguam na Ribeira do Álamo, afluente da margem direita do Rio Mira.

Em visita de prospecção, ao sítio da descoberta desta lápide, foi identificada, por C.M.B., uma pequena elevação artificial no terreno e restos de materiais de construção, de xisto, que são, muito provavelmente, os testemunhos de uma ou mais sepulturas do tipo das comuns à I Idade do Ferro do SO (Fig. 4) (Beirão e Gomes, 1980; 1984; Beirão, 1986).

2. A ESTELA EPIGRAFADA

É um monumento, monolítico, talhado numa lage de xisto grauváquico, de cor cinzenta esverdeada, com pátina de cor bege e de forma subtrapezoidal. Mede 1.04 m. de altura máxima, 0.58 m. na maior largura e 0.095 m. de espessura. O volume proximal encontra-se afeiçoado em forma de cunha, certamente para uma melhor fixação ao solo na posição vertical, e mostra uma extensa fractura sobre o bordo esquerdo, assim como no volume distal daquele mesmo lado. Esta fractura, que se deve à acção do ferro do arado que exumou a estela, amputou uma das letras e a cartela da parte final da inscrição (Figs. 5 e 7).

A face epigrafada, bem regularizada por picotagem e polimento, oferece, como referimos, uma cartela, em forma de U invertido, embora com o ramo descendente, do lado esquerdo, muito curto, medindo 0.07 m. a 0.10 m. de largura. O texto foi inscrito nesta cartela observando-se, ainda, outros traços incisos, muito finos, que serviram, igualmente, para o ordenar.

Um destes traços, profundo e disposto na horizontal, demarca, a cerca de 0.375 m. da extremidade da base da estela ou seja no seu terço inferior, a zona a ser enterrada. É perpendicularmente a este traço que se inicia a inscrição, inserida na cartela e ordenada, no ramo ascendente, por dois pequenos traços paralelos que podem indicar-nos o final de uma das palavras ali registadas. Aliás, um outro traço horizontal, inciso sensivelmente acima destes, ocupando a zona central, não epigrafada, da estela poderia ter a mesma função.

Também na área central, anepígrafa, encontramos uma incisão, traçada verticalmente mas descontínua, que parece ter servido para sub-dividir o espaço da estela em duas metades.

Por fim, um grupo de traços sub-verticais e um horizontal que os intercepta, definem a extremidade da cartela e uma área desta que a inscrição não chegou a ocupar.

A inscrição, que é sinistrorsa e se encontra completa, em bora o penúltimo signo não seja reconhecível, oferece 24 caracteres, com alturas que variam entre 0.025 m. e 0.10 m. Duas letras, Λ e \bigcirc , repetem-se cinco vezes e registam-se, novamente, os signos 𐌷 e 𐌹 ; muito raros na epigrafia da I Idade do Ferro do SO onde, até este momento, apareceram 3 e 2 vezes, respectivamente. Estas frequências, que não são substancialmente alteradas com os dados fornecidos pela estela do Pardeiro, correspondem às percentagens de 0.22 % e de 0.14 % para um total de 70 estelas e de 1.462 signos distribuídos por 52 formas distintas. Ressalvamos, no entanto, que apenas 20 daqueles monumentos se encontravam completos e que 12 desapareceram, pelo que nos servimos, para estes casos, de desenhos que podem não ser fiéis aos originais. Cumpre-nos referir que o segundo \bigcirc desta inscrição foi, apenas, esboçado e não apresenta a gravação profunda dos restantes caracteres (Fig. 6).

O nexu OAMO foi registado na estela de Góias (Mértola), pertencente à antiga colecção de Cenáculo, hoje desaparecida. A não considerarmos o segundo \bigcirc , pelo que anteriormente indicámos, teremos o nexu M1 já nosso conhecido no espeto do povoado de Fernão Vaz, onde aparece isolado (séc. VI) (Beirão e Gomes, 1985, pp. 470, 473, 484-486).



FIG. 5. Fotografia da estela do Monte do Pardieiro (RV/81-1)

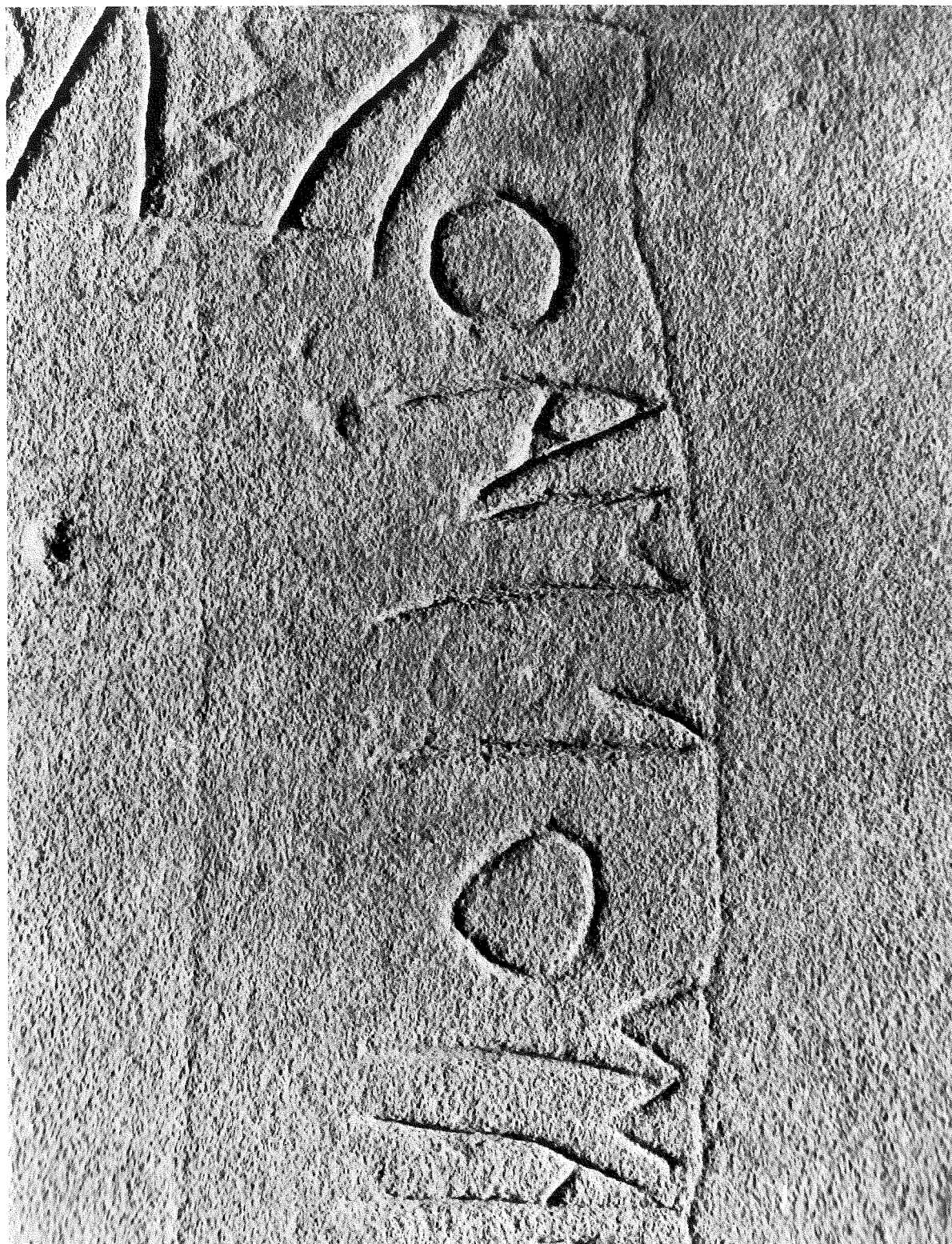


FIG. 6. *Pormenor da inscrição da estela do Monte do Pardieiro (RV/81-2)*

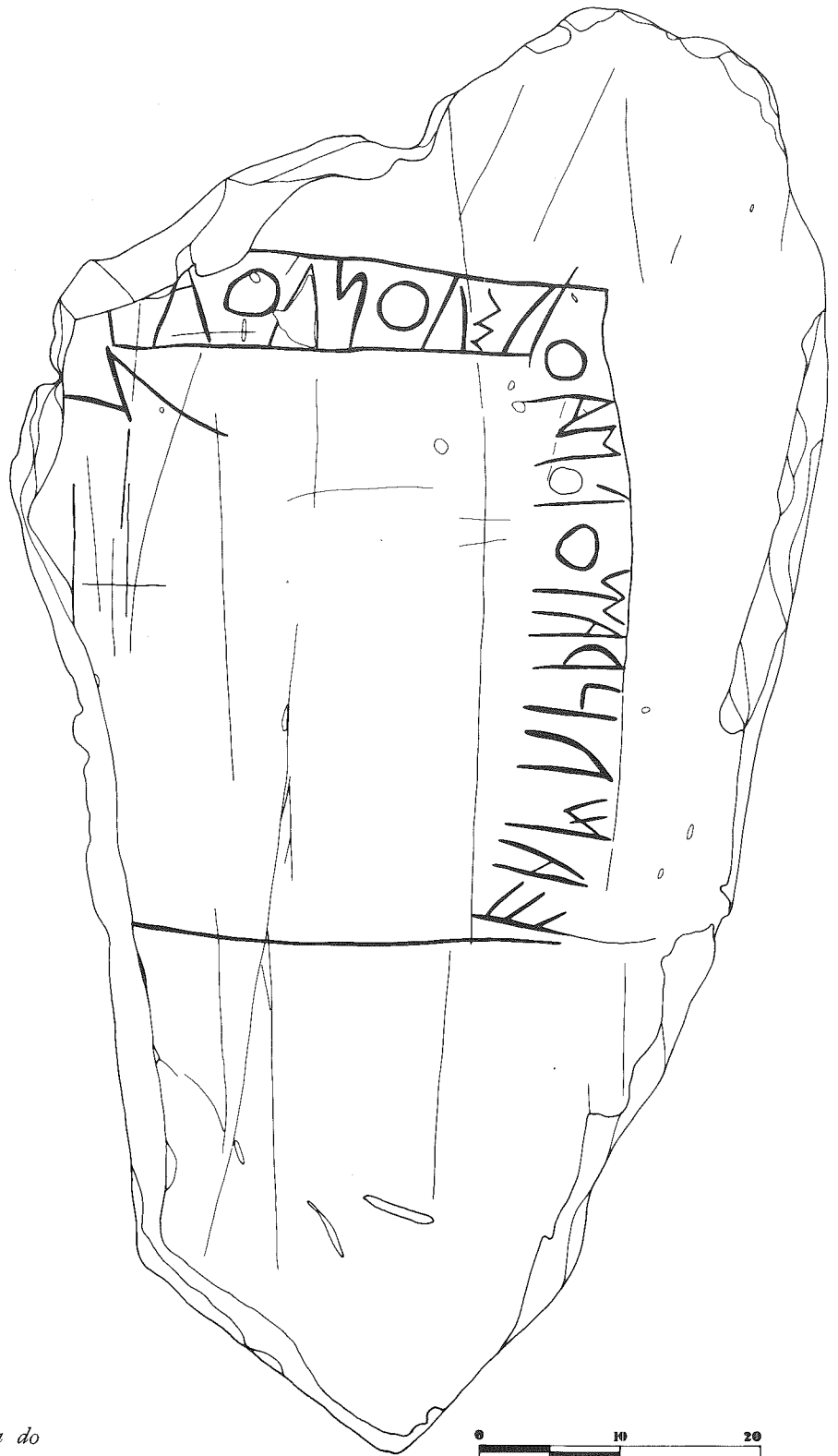


FIG. 7. Decalque da estela do Monte do Pardieiro

0 10 20
GARVÃO



FIG. 8. *Distribuição das estelas epigrafadas da I Idade do Ferro do SO Peninsular*

- | | | | |
|-------------------------------|----------------------------------|-------------------------------|----------------------------------|
| I. Alcalá del Río (Sevilha). | XIX. C.D. Enforcados I (Beja). | XXXVIII. Bastos (Beja). | LVII. Fonte Santa I (Beja). |
| II. Góias (Beja). | XX. C.D. Enforcados II (Beja). | XXXIX. Alagoas II (Faro). | LVIII. Fonte Santa II (Beja). |
| III. Vale de Ourique (Beja). | XXI. V.D. Vermelhos I (Faro). | XL. Mealha Nova I (Beja). | LIX. Fonte Santa III (Beja). |
| IV. Ourique I (Beja). | XXII. Alcoutim (Faro). | XLI. Mealha Nova II (Beja). | LX. Almoróqui (Cáceres). |
| V. Ourique II (Beja). | XXIII. Tavilhão I (Beja). | XLII. Mealha Nova III (Beja). | LXI. Siruela (Badajoz). |
| VI. Ourique III (Beja). | XXIV. V.D. Vermelhos II (Faro). | XLIII. Pêgo I (Beja). | LXII. Biscoitinhos I (Beja). |
| VII. Ourique IV (Beja). | XXV. C. Père Jacques (Faro). | XLIV. Pêgo II (Beja). | LXIII-A. Biscoitinhos II (Beja). |
| VIII. Ourique V (Beja). | XXVI. Dobra (Faro). | XLV. Pêgo III (Beja). | LXIII-B. Biscoitinhos II (Beja). |
| IX. Guedelhas (Beja). | XXVII. Ameixial I (Faro). | XLVI. Monte Penedo (Beja). | LXIV. Gavião (Beja). |
| X. Fonte Velha I (Faro). | XXVIII. Ameixial II (Faro). | XLVII. Carapeta (Beja). | LXV. M.N.D. Visconde (Beja). |
| XI. Fonte Velha II (Faro). | XXIX. Ameixial III (Faro). | XLVIII. Azinhal (Beja). | LXVI. Arzil (Beja). |
| XII. Fonte Velha III (Faro). | XXX. Ameixial IV (Faro). | XLIX. Nobres (Beja). | LXVII. Villamanrique (Sevilha). |
| XIII. Fonte Velha IV (Faro). | XXXI. A. dos Mouros (Faro). | L. Cañamero (Cáceres). | LXVIII. Fuseta (Faro). |
| XIV. Fonte Velha V (Faro). | XXXII. Cómoros II (Faro). | LI. Abóbada I (Beja). | LXIX. C.D. Curralão (Beja). |
| XV-A. Cómoros (Faro). | XXXIII. Tavilhão II (Beja). | LII. Abóbada II (Beja). | LXX. Corte Azinheira (Beja). |
| XV-B. Cómoros (Faro). | XXXIV. Toulil (Beja). | LIII. Benaciate I (Faro). | LXXI. Monte do Pardieiro (Beja). |
| XVI. Fonte Velha VI (Faro). | XXXV. V.D. Vermelhos III (Faro). | LIV. Benaciate II (Faro). | LXXII. Alagoas III (Faro). |
| XVII. Puente Genil (Córdova). | XXXVI. Mestras (Faro). | LV. Benaciate III (Faro). | LXXIII. Neves (Beja). |
| XVIII. Alagoas I (Faro). | XXXVII. C.D. Freixo (Beja). | LVI. Benaciate IV (Faro). | |

O signo \mathfrak{V} era conhecido nas estelas de Alcalá del Río (Sevilha), Vale dos Vermelhos (Loulé) e de Abóbada I (Almodôvar), tendo sido o caracter \mathfrak{Y} observado, somente, nas estelas de Benaciate II (Silves) e Almoarqui (Cáceres).

Não registámos, na epígrafe do Pardieiro, a fórmula que integra o nexu KONNN, ou as suas variantes KONON e KONAN, patente, por vezes parcialmente, em 38 estelas, ou seja em mais de metade do total destes monumentos.

É possível que o grupo constituído pelos nove primeiros signos, desta inscrição, forme uma palavra que terminaria no sítio indicado pelos dois pequenos traços, horizontais, sobrepostos à cartela. Esta ordenação explicaria, de certo modo, a forma esguia do A, um tanto comprimido entre os outros signos. Talvez uma segunda palavra esteja inscrita entre aqueles traços e uma das incisões verticais, sendo então formada por dez signos, compondo o último grupo, de cinco caracteres, uma outra palavra.

Estaríamos, assim, na presença de uma fórmula funerária que integraria, possivelmente, três palavras e onde a segunda, a terminar em ON, poderia ser um genitivo do plural indicando-nos um gentílico (nome individual, gens e filiação?); hipótese que, dados os nossos actuais conhecimentos, reconhecemos ser prematura.

Não se conhecem no concelho de Odemira, outras necrópoles da I Idade do Ferro embora Estácio da Veiga (1891, p. 262, XXXI) tenha publicado um colar (constituído por trinta e quatro contas de pasta vítrea de cor negra, oculadas a branco, idênticas às oferecidas pelas necrópoles já escavadas deste período) proveniente de Almogrove e que se encontra, em parte, no M.N.A.E. (11176) (Beirão e Gomes, 1980, p. 13).

Podemos concluir que esta nova estela da I Idade do Ferro do SO se insere nos limites ocidentais da área de maior concentração das necrópoles correspondentes, ocupando os concelhos de Castro Verde, Ourique e Almodôvar, no Baixo Alentejo, e de Loulé no Algarve (Fig. 8).

CAETANO DE MELLO BEIRÃO E MÁRIO VARELA GOMES

BIBLIOGRAFIA

- BEIRÃO, C. M., 1986: *Une Civilisation Protohistorique du Sud du Portugal (1^{er} Âge du Fer)*, Éditions de Boccard, 168 pp., 52 + 66 figs., XV ests., Paris.
- BEIRÃO, C. M., e GOMES, M. V., 1980: *A I Idade do Ferro no Sul de Portugal. Epigrafia e Cultura*, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, 33 pp., Lisboa.
- 1984: «Coroplastia da I Idade do Ferro do Sul de Portugal», *Volume d'Hommage au Géologue Georges Zbyszewski*, Éditions Recherche sur les Civilisations, pp. 431-468, Paris.
- 1985: «Grafitos da Idade do Ferro do Centro e Sul de Portugal», *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas*, Universidade de Salamanca, pp. 465-499, Salamanca.
- VEIGA, S. P. M. E. da, 1891: *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, Vol. IV, Imprensa Nacional, 346 pp., XLV ests., Lisboa.